

## PRÁTICAS AGRÍCOLAS TRADICIONAIS ENTRE OS KARAJÁ E JAVAÉ

**Guilherme Sousa do Couto**

<sup>1</sup>Estudante do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado ao Ensino Médio – IFTO. Bolsista do Programa de Iniciação Científica. e-mail: <guilherme.couto@estudante.ifto.edu.br>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é compreender as práticas agrícolas tradicionais indígenas Karajá e Javaé. Para isso, buscamos identificar bibliografia que retrata saberes, iniciativas, projetos e práticas agrícolas envolvendo as duas etnias no Tocantins. A primeira (e principal) etapa do desenrolar da investigação consiste basicamente no levantamento bibliográfico previamente classificada em: a) a discussão teórica sobre agroecologia, b) as etnologias sobre os povos Karajá e Javaé - em especial os temas sobre agricultura e meio ambiente; Para isso, buscamos nas plataformas das universidades, da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e de agências e associações dedicadas ao assunto da agricultura (por exemplo, a Articulação Tocantinense de Agroecologia) e ao tema dos povos indígenas (Funai - Fundação Nacional do Índio, Cimi - Conselho Indigenista Missionário) e as organizações civis dos próprios Karajá e Javaé. Logo após, coletar as publicações, iniciativas e projetos, procederemos com a organização, classificação e análise do material, a fim de melhor apresentá-los como resultados do nosso projeto de pesquisa.

**Palavras-chave:** alimentação Indígena, karajá e javaé, povos tradicionais, práticas agrícolas

### 1 INTRODUÇÃO

As comunidades Karajá e Javaé existem em uma pluralidade de lugares, tendo uma cultura própria, desde como interação com a terra, até seus rituais únicos, mesmo sendo povos primos, preferem ser diferenciados, principalmente por meio do dialeto e a autodeclaração de cada grupo.

Ambos os povos podem ser localizados no estado do Tocantins e Goiás, mas somente a comunidade Karajá é encontrada também no estado do Mato Grosso e Pará. Os Karajá e Javaé se estabelecem em torno do Rio Araguaia e no interior da Ilha do Bananal, onde sua mitologia e âmbito social estão inseridos, aproveitando os alimentos que o corpo d'água provê. O que separa o território Karajá do Javaé são os rios Jaburu e Riozinho, sendo o lado oeste Karajá e leste Javaé. Vale ressaltar a existência do povo Karajá Xambioá, localizados na região norte do Estado do Tocantins.

De acordo com o censo demográfico do IBGE (2010) o povo Karajá e Javaé tem uma população total de 3.000 (três mil) indígenas em 29 (vinte e nove) aldeias espalhadas em torno vale do rio Araguaia, por falta de dados mais atualizados, não foi possível identificar a população total do ano de 2020. Seu território homologado pelo decreto s/n- 15/04/1998, abrangendo os municípios de Formoso do Araguaia, Pium e Lagoa da Confusão, fazendo com que fosse oficialmente uma terra demarcada, promovida pela Fundação Nacional do índio- FUNAI.

A questão cultural é muito importante, já que dá uma caracterização única ao grupo, deixando bem claro suas origens e costumes, como a pintura corporal quando a puberdade é atingida, a cerâmica feita pelas mulheres que tem tanto utilidade doméstica quanto religiosa e decorativa, assim como a plumária, que teve sua prática reduzida por conta da dificuldade de encontrar araras, dada a sua diminuta população, fazendo com que somente alguns enfeites tivessem tais adornos, como por

exemplo o lori lori e o aheto. Mas o que mais atrai turistas que visitam as aleias, são as bonecas Karajá, que acabam se tornando um importante meio de substância.

Um de seus principais rituais é o *Hetohoky*, a passagem da infância para a vida adulta dos meninos da aldeia. O preparo começa com um mês de antecedência, eles são levados para a floresta para aprender a caçar, pescar e valorizar o que a natureza pode dar, depois ficam em uma casa por uma semana completamente isolados, somente depois de dois anos de ritos, eles atingem a maioridade. A Festa de Aruanã leva em conta a subida e descida do rio Araguaia. A festa do mel, festa do peixe e pescaria coletiva do Timbó são outras comemorações que podem ser citadas como parte de sua cultura.

A relação de subsistência dessas comunidades consiste em técnicas agrícolas como a coivara, meio de plantio em que se derruba e queima parte da vegetação original para fazer o plantio. Existe também uma visão de que os recursos naturais só existem porque são realizados rituais e oferendas para o “Povo do Fundo das Águas” e o “Povo do Céu” e as atividades tradicionais não tem o intuito de destruir o meio ambiente, mas sim de coexistência.

Tendo seu nome adaptado para o Tupi, os Karajá em sua língua materna se chamam Inỹ que significa “ser humano”. Tanto os Karajá quanto os Javaé são falantes da língua Karajá, pertencente ao tronco Macro-Jê. Ainda que configuram dialetos diferentes, esses dois povos se compreendem e compartilham diversos aspectos culturais e situações históricas. Em algumas aldeias como a de Aruanã (GO), a língua materna vem perdendo espaço para o português, por conta do contato com a sociedade, como mostra Maria do Socorro Pimentel da Silva.

[...] No retorno para casa, estavam todos felizes, motivados e dispostos a colocar em prática o plano de revitalização cultural e linguística almejado. A partir desse momento, foi possível escrever o projeto e pensar emoções capazes de retomar o contato das pessoas com suas tradições, mas também de pensar como criar uma escola voltada para a aprendizagem da língua ancestral, acompanhada, evidentemente, dos conhecimentos produzidos e herdados de gerações passadas.

Naquela época, muitas crianças de Buridina tinham adquirido a língua portuguesa em situação de primeira língua, outras aprenderam as duas ao mesmo tempo, mas por força das pressões externas, haviam adotado o português como principal língua de comunicação, abandonando aos poucos o uso da Karajá, atitude que gerou uma situação de bilinguismo subtrativo na aldeia [...]. (SILVA, 2017, pág. 233)

A diferença entre esses dois povos, na visão Karajá entre seu povo e os Javaé se dá pelo fato de que os Javaé são descendentes dos Wèrè. Os Wèrè são lembrados como muito belicosos, dizem que atacavam todos que encontravam (NUNES, 2016, pág. 37). E por isso os Javaé são considerados como Ixỹju, sendo associados mais à terra do que à água.

O modo de vida inỹ se relaciona organicamente com o ciclo das águas. Pescadores devotados, eles entram atrás dos peixes em regiões alagadas na cheia, em lagos que só se conectam com o rio nessa época e se aproveitam da subida dos cardumes. (NUNES, 2016, pág. 6)

Já habitando as terras do Vale do Rio Araguaia antes mesmo dos colonizadores, século XVII, os Karajá contam a história de origem do mundo e a distinção dos Karajá, Javaé e Ixỹbiõwa, através

de mitos de tal cultura, onde o povo Inã habitava o mundo subaquático, chamado de Berahatxi, até que descobriram o caminho para o mundo do lado de fora e começaram a viver nas margens do Rio Araguaia. Pelos primeiros registros escritos, na virada do século XVI para o XVII, os três grupos Inã já ocupavam mais ou menos as regiões que ocupam hoje (NUNES, 2016, pág. 51)

Mas, por volta deste século as invasões dos europeus iniciaram e no século XVIII os Bandeirantes começaram, durante suas buscas por ouro, a avistar os Karajá e Javaé. Por conta disso, em um primeiro momento a pretensão da política indigenista da Coroa portuguesa no final do século XVIII em aldear os Javaé e obrigá-los a trabalhar. (Pin, 2014, pág. 23). Por conta disso, houveram contatos a cultura europeia.

[...] Considerando a intensidade do contacto com os brancos, por estarem as casas de Leopoldina separadas das dos índios somente por pequeno córrego e estes andarem continuamente pelas ruas dessa vila de cerca de setecentos habitantes, é notável os Karajá terem conservado não só os chamados "adornos fixos", isto é, a tatuagem tribal e a perfuração do lábio, mas também os "adornos móveis", como a pintura do rosto nos adultos e crianças de ambos os sexos os enfeites de algodão nos antebraços e pernas das meninas. Embora a associação destes elementos culturais com a nossa roupa, represente um aspecto característico de aculturação [...]. (BALDUS, 1948, pág. 145)

Com isso, percebe-se que, tanto o povo Karajá quanto Javaé, tem uma origem igual, mas que divergiu em determinado ponto, sofrendo com a chegada dos colonizadores, mas aderindo alguns de seus costumes, uns mais que outros, por isso, a cultura original desses povos vêm cada vez mais, se perdendo à medida que o tempo passa.

## **2 METODOLOGIA**

Basicamente, a metodologia da pesquisa foi ler textos sobre as duas etnias em relação a agricultura. Assim, fizemos uma pesquisa bibliográfica, por meio de livros, artigos, sites e reportagens relativos à temática, a fim de conhecer sobre a agricultura, com base na noção de Agroecologia, em especial a agricultura para alimentação entre os Karajá e Javaé no TO.

Buscamos identificar bibliografia que retrata saberes, iniciativas, projetos e práticas agrícolas envolvendo as duas etnias no Tocantins. A primeira (e principal) etapa do desenrolar da investigação consiste basicamente no levantamento bibliográfico previamente classificada em: a) a discussão teórica sobre agroecologia, b) as etnologias sobre os povos Karajá e Javaé - em especial os temas sobre agricultura e meio ambiente; Para isso, buscamos nas plataformas das universidades, da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e de agências e associações dedicadas ao assunto da agricultura (por exemplo, a Articulação Tocantinense de Agroecologia) e ao tema dos povos indígenas (Funai - Fundação Nacional do Índio, Cimi - Conselho Indigenista Missionário) e as organizações civis dos próprios Karajá e Javaé. Logo após, coletar as publicações,

iniciativas e projetos, procederemos com a organização, classificação e análise do material, a fim de melhor apresentá-los como resultados do nosso projeto de pesquisa.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram obtidos após meses de pesquisa, em livros e artigos da internet e reuniões com o professor orientador para conseguir os melhores textos e um trabalho cada vez mais rico em detalhes focados nas aldeias Karajá e Javaé do Tocantins, seus costumes e tradições.

Praticam o sedentarismo e a agricultura intensiva de roças fixas, além do uso dos recursos aquáticos (RODRIGUES, 2004). A alimentação do grupo é retirada, em grande parte, da ictiofauna (predominantemente peixes) e mamíferos (capivaras e cutias) presentes no rio Araguaia, rio Javaés e em lagos. Têm como animais preferidos para a retirada das penas para a confecção de ornamentos a arara e o jaburu. Suas roças são feitas em áreas de mata de galeria, geralmente na vazante do rio Javaés. Registros históricos citam o cultivo de milho, mandioca, batata-doce, banana, melancia, cará, amendoim e feijão. Aproveitam também frutos do cerrado como o oiti, o pequi e o mel silvestre (LIMA FILHO, 2006).

A sociedade estudada faz uso da natureza como fonte principal de subsistência tanto no âmbito alimentar quanto no econômico, aproveitando tudo, desde a água até a pele e penas dos animais para a confecção de produtos, não praticando o desperdício e nem o uso exacerbado e desnecessário dos recursos. O mesmo é feito com o plantio, que usa a terra somente de forma necessária, sem desmatamentos.

A agricultura como um todo, sempre esteve presente na vida dessas pessoas, já que grande parte de sua história está no contato profundo com a natureza, se tornando quase como um só, sempre preservando para que nunca falte nada, nem para eles nem para as outras espécies que lá vivem.

É perceptível que a religião dessa sociedade influencia diretamente em sua relação com o plantio sustentável. Desde as festas e danças de agradecimento aos deuses pela proteção oferecida a eles contra as pragas e outros empecilhos na plantação e a fartura na caça e na pesca.

[...] Alguns povos estrangeiros já viviam no lugar do cosmos denominado pelos Javaé de Ahana Ôbira (“Face de Fora”). Embora em condições muito precárias - pois, em um passado remoto, a alimentação possível era baseada apenas na coleta de alguns frutos silvestres (jenipapo, jatobá, frutas, etc.), já que não havia o conhecimento da agricultura - esses povos (p. ex. Kuratanikêhè) já habitavam a região conhecida como Marahiháwa, próximo ao Lago do Bananal, região que marca também a origem dos Javaé. [...] (PANOSO, 2011, p. 47)

A visão teológica é muito presente, contando a história de criação, de onde vieram, do Lago do Bananal, que era chamado de Marahiháwa e a evolução não só de seu povo, mas também de outros, como o aprendizado da agricultura e de como era a vida precária antes de terem tais conhecimentos.

A reflexão aqui proposta é possível a partir da tentativa de demonstração que, diferentemente da sociedade ocidental, moderna e capitalista, os povos indígenas seriam exemplos de sociedades mais “sustentadas” do ponto de vista ecológico e social, em função da não existência da ruptura sociedade-natureza que se apresenta no pensamento moderno-ocidental. Desse modo,

a “visão de mundo” dos povos indígenas, pautada por uma unicidade entre homem e natureza e pela relação entre cultura e ambiente, quando compreendida, poderia iluminar as estratégias adotadas pela sociedade capitalista ocidental em busca do que se chama de “desenvolvimento sustentável”. [...] (PANOSO, 2011, p. 57)

O capitalismo não necessariamente está presente nas sociedades indígenas, porque não visam o lucro acima de tudo, mas sim o bem-estar social e a subsistência de todos, estando em equilíbrio com a natureza. Pensamento esse que é buscado por muitos não indígenas, os quais procuram meios de produzir sem prejudicar tanto a natureza, aprendendo muito com os povos nativos.

Apesar do constante contato com a sociedade envolvente, a cosmologia Javaé ainda guia a maioria de suas práticas, como alimentação, caça e pesca e, desse modo, a relação estabelecida com o ambiente.

Mesmo com o contato com a sociedade não indígena, muito de seus costumes permanecem até os dias de hoje, como suas crenças, mostrando que é possível manter as tradições no mundo de hoje e ainda sim inovar, melhorando a qualidade de vida do ambiente e das pessoas que vivem nele.

As aldeias Karajá, tradicionalmente, são compostas por uma ou mais fileiras de casas ao longo das margens do rio Araguaia. De acordo com a tradição indígena, normalmente, as portas de entrada das moradias são posicionadas de frente para o rio. De acordo com Baruzzi e Pagliaro (2002, p.01), “os índios Karajá habitam extensa região do vale do rio Araguaia, nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso, com maior número de aldeias localizadas na ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo”. [...] (Calaça, Rodrigues, Silva e Souza, 2020, p. 30)

O estilo de residências dessas aldeias, diferente da outra parte da sociedade, não cedeu à globalização e o sistema capitalista mantendo um caráter único, com cultura própria, que possibilita diferenciar aquela população das outras. Por exemplo, as portas das casas serem voltadas normalmente em frente a um rio.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os temas centrais abordados na bibliografia revisada neste projeto podem ser organizados nas seguintes categorias: cosmologia; agricultura e produção de recursos naturais; organização social e práticas alimentares.

Na cosmologia buscamos olhar para a religiosidade desse povo, como o mundo e eles surgiram, a forma como interpretam os acontecimentos atuais e como interagem com animais, a natureza e os outros indivíduos, da mesma ou de diferentes culturas. Em relação à produção de recursos naturais, a economia dessas sociedades mostra a maneira como os recursos naturais são aproveitados, que diferente do sistema capitalista, que visa o lucro, projetam apenas para o sustento,

sem capital excedente, sendo assim, mais sustentável e condizente ao que acreditam.

**Organização Social:** A categoria Organização social vem para mostrar a forma de organização dessa sociedade, a hierarquia do local e como se comportam quanto a isso, o estilo de vida que levam, os meios de sustento e os ritos culturais, podendo ser festas de agradecimento aos deuses ou até mesmo ritos de passagem de momentos da vida.

**Práticas alimentares e agricultura:** Tal tópico mostra mais uma vez os costumes, mas dessa vez focado na alimentação, a base de seu sustento, o plantio e colheita de subsistência e a relação com o meio ambiente, de não exceder, mas de sempre consumir somente o necessário para que nada falte.

## 5 AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins pela bolsa concedida para que fosse possível a produção da pesquisa em questão.

## REFERÊNCIAS

BALDUS, H. **Tribos Da Bacia Do Araguaia E O Serviço De Proteção Aos Índios** Rev. do Museu Paulista, São Paulo: Museu Paulista, v. 2, n.s., p. 137-68, 1948. Disponível em:

[http://www.etnolinguistica.org/local--files/biblio:baldus-1948-tribos/Baldus\\_1948\\_TribosAraguaiaSPI.pdf](http://www.etnolinguistica.org/local--files/biblio:baldus-1948-tribos/Baldus_1948_TribosAraguaiaSPI.pdf). Acesso em: 19 fev. 2021.

LIMA, F. Manuel. **POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Karajá**, 12/1999. Disponível em:

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>. Acesso em: 18 jan. 2021.

NUNES, S. Eduardo. **Os “antigos” e o “pessoal de hoje” no mundo dos brancos**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília Instituto de Ciências Sociais Departamento de Antropologia Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília. Brasília. 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/21495>. Acesso em: 19 fev. 2021

PANOSO, Carlos Eduardo. **ENERGIA VITAL E SOCIOAMBIENTE: INTERFACES ENTRE O PENSAMENTO OCIDENTAL E A COSMOLOGIA INDÍGENA: O CASO JAVAÉ. Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, ano 2011, v. 5, n. 3, p. 39-65, 1 dez. 2011. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/download/23078/14561>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, Lorraine Gomes da; SOUZA, Edevaldo Aparecido de; RODRIGUES, Eunice da Rocha Moraes. **EXPERIÊNCIAS AGRÍCOLAS E SOCIOCULTURAIS DOS KARAJÁ, AVÁ-CANOEIRO E TAPUIA. REVISTA PRODUÇÃO ACADÊMICA: NÚCLEO DE ESTUDOS URBANOS REGIONAIS E AGRÁRIOS/ NURBA**, [s. l.], ano 2020, v. 6, n. 1, p. 20-49, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/view/12090/18617>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SILVA, M. D. S. P. D. **Resistência E Retomada Da Língua E Do Patrimônio Cultural Karajá Em Buridina**. Linguística, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 231-244, jan./2017. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/viewFile/10429/7921>. Acesso em: 19 fev. 2021.